A Santa Sé

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE CORPUS CHRISTI

## *HOMILIA DO PAPA FRANCISCO*

*Praça de São João de Latrão*
*Quinta-feira, 19 de Junho de 2014*

Vídeo

«O Senhor teu Deus... deu-te por alimento o maná, que tu não conhecias» (*Dt* 8, 2-3).

Estas palavras do Deuteronómio fazem referência à história de Israel, que Deus fez sair do Egipto, da condição de escravidão, e durante quarenta anos guiou no deserto rumo à terra prometida. Uma vez que se estabelece nessa terra, o povo eleito alcança uma determinada autonomia, um certo bem-estar, e corre *o risco de se esquecer* das tristes vicissitudes do passado, ultrapassadas graças à intervenção de Deus e à sua bondade infinita. Então, as Escrituras exortam a recordar, a *fazer memória* de todo o caminho percorrido no deserto, durante a época da carestia e do desânimo. O convite consiste em voltar ao essencial, à experiência da dependência total de Deus, quando a sobrevivência estava confiada nas suas mãos, para que o mundo compreendesse que «não vive só de pão o homem, mas de tudo o que sai da boca do Senhor» (*Dt* 8, 3).

Além da fome física, o homem sente outro tipo de fome, uma fome que não pode ser saciada com o alimento comum. Trata-se da fome de vida, fome de amor, fome de eternidade. E o sinal do *maná* — como toda a experiência do êxodo — continha em si também esta dimensão: era figura de um alimento que satisfaz esta forme profunda que o homem sente. Jesus concede-nos este alimento, aliás, *Ele mesmo é o pão vivo* que dá vida ao mundo (cf. *Jo* 6, 51). O seu Corpo é o verdadeiro alimento, sob a espécie do pão; o seu Sangue é a verdadeira bebida, sob a espécie do vinho. Não se trata de um simples alimento com o qual saciar os nossos corpos, como no caso do maná; o Corpo de Cristo é o pão dos últimos tempos, capaz de dar vida, e vida eterna, porque

a substância deste pão é o Amor.

Na Eucaristia comunica-se o amor do Senhor por nós: um amor tão grandioso que nos nutre com Ele mesmo; um Amor gratuito, sempre à disposição de cada pessoa faminta e necessitada de regenerar as próprias forças. Viver a experiência da fé significa deixar-se alimentar pelo Senhor e construir a própria existência não sobre os bens materiais, mas sobre a realidade que não perece; os dons de Deus, a sua Palavra e o seu Corpo.

Se olharmos ao nosso redor, damo-nos conta de que existem *muitas ofertas de alimento* que não derivam do Senhor e que aparentemente satisfazem em maior medida. Alguns nutrem-se de dinheiro, outros de sucesso e de vaidade, outros ainda de poder e de orgulho. Mas o único alimento que nos nutre verdadeiramente e que nos sacia é aquele que o Senhor nos concede! O alimento que o Senhor nos oferece é diferente dos demais, e talvez não nos pareça tão saboroso como determinadas comidas que o mundo nos oferece. Então, sonhamos outras refeições, como os hebreus no deserto, que tinham saudades da carne e das cebolas que comiam quando estavam no Egipto, esquecendo-se contudo que comiam aqueles pratos na mesa da escravidão. Naqueles momentos de tentação, eles recuperavam a memória, mas uma memória doentia, uma memória selectiva. Uma memória escrava, não livre.

Hoje, cada um de nós pode perguntar-se: e eu? *Onde quero comer?* De que mesa me desejo alimentar? Na mesa do Senhor? Ou então sonho em comer alimentos saborosos, mas na escravidão? Além disso, cada um de nós pode interrogar-se: qual é a minha memória? A do Senhor que me salva, ou a do alho e das cebolas da escravidão? Com que memória sacio a minha alma?

O Pai diz-nos: «Dei-te por alimento o maná, que tu não conhecias». Recuperemos a memória! Eis a tarefa, recuperar a memória. E aprendamos a reconhecer o pão falso que ilude e corrompe, porque é fruto do egoísmo, da auto-suficiência e do pecado.

Daqui a pouco, durante a *procissão*, seguiremos Jesus realmente presente na Eucaristia. A Hóstia é o nosso maná, mediante o qual o Senhor se nos oferece a Si mesmo. Dirijamos-nos a Ele com confiança: Jesus, defendei-nos das tentações do alimento mundano que nos torna escravos, do alimento envenenado; purificai a nossa memória, a fim de que não permaneça prisioneira na selectividade egoísta e mundana, mas seja *memória viva da vossa presença* ao longo da história do vosso povo, memória que se faz «memorial» do vosso gesto de amor redentor. Assim seja!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana